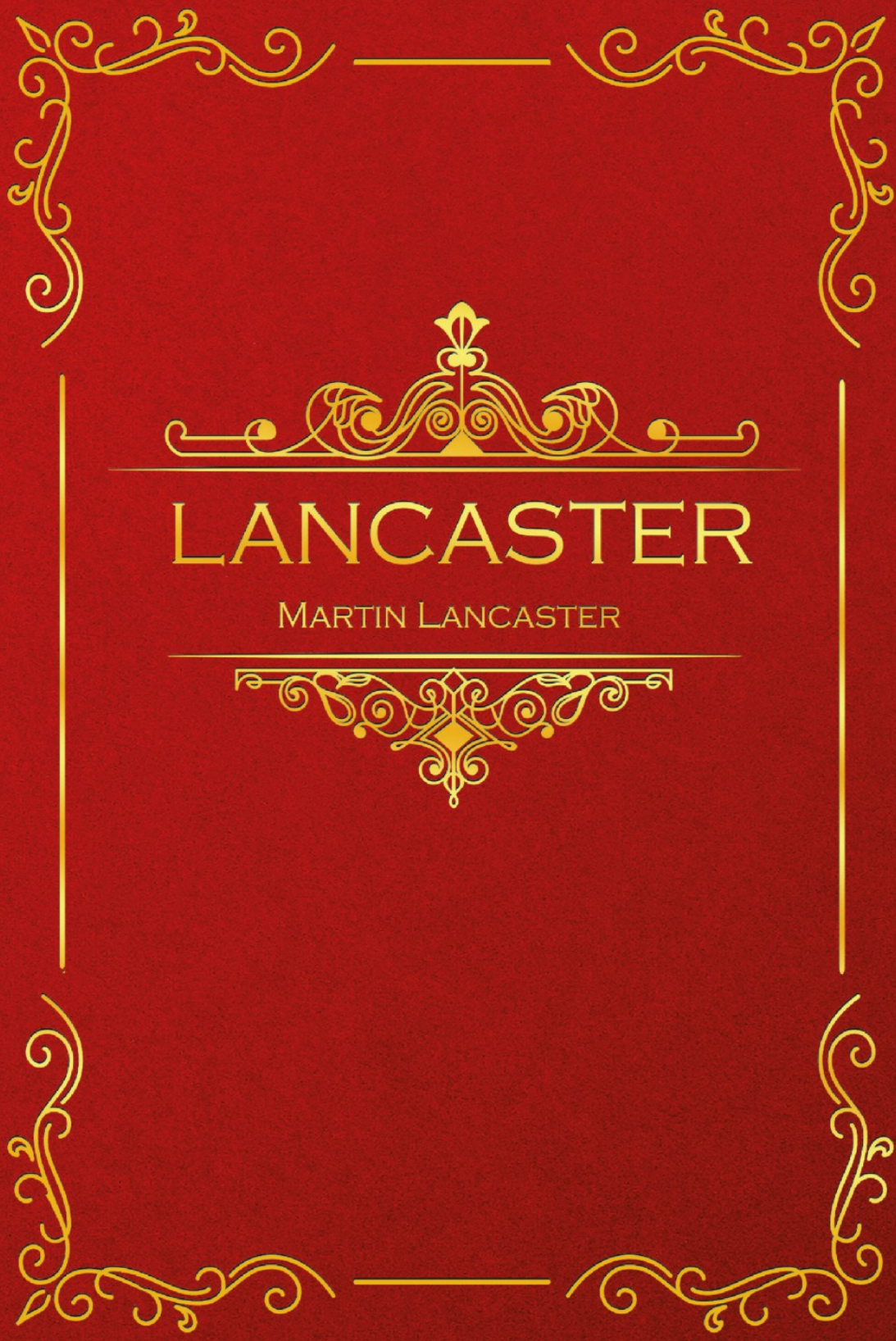




LANCASTER

MARTIN LANCASTER



Não era de meu feitio sair de um jantar na casa do senador a tal hora da madrugada, embora tenha recebido o convite de ficar e dormir na casa preferi retornar a minha moradia onde me sentia mais confortável. Era apenas o começo do meu segundo mês em Londres, e já havia ceado na casa de meu mais novo amigo Senador Salazar inúmeras vezes, ainda jovem aceitava os convites calorosos dele e de sua esposa Dolores que me tratavam como um filho.

Naquela noite em específico numa sexta feira treze, e coincidentemente numa lua cheia, estava voltando para casa quando minha carruagem sofreu uma batida um tanto violenta, logo que paramos desci do transporte para ver o que havia acontecido. Estava tudo aparentemente normal tirando a ausência de meu cocheiro Tidus que havia desaparecido. Após chamá-lo algumas vezes ouvi os arbustos mexerem-se atrás de mim, dirigi-me a eles ainda chamando por meu empregado, sem resposta. Entranhei-me em meio às folhagens saindo em busca de Tidus. Caminhei por longos minutos num escuro sombrio iluminado apenas pela lua extremamente cheia. Ao me perder no meio da mata ouvi barulho de passos vindo ao meu encontro, mas ao olhar em volta nada via, então como um beijo da noite senti um arrepio gelar-me a espinha e logo uma voz doce chamar pelo meu nome:

-Venha comigo Dorian Gray.

A voz ia se esvaindo ao sul e eu a segui seguro de que era uma mulher, nessa altura Tidus não estava mais em meus pensamentos, talvez tenha me deixado levar pela curiosidade, aos 16 anos nós jovens somos dispersos rapidamente. Ao andar mais alguns metros á frente não percebi um barranco profundo,acabei por cair nessa armadilha mortal ao fim da queda eu me encontrava com ossos quebrados e cortes profundos em todo o corpo, ali fiquei deitado por algumas horas. Relembrei que em meus 16 anos não havia feito nada de minha vida, era um garoto do interior ingênuo e virgem que jamais conhecera o amor ou o corpo de uma mulher, ou de outro homem. Passei a perceber que minha existência ainda era remota que minha vida só começara a mudar quando herdei a herança de meu tio avô Gregório que era um velho repugnante e asqueroso que enquanto a minha infância abusava como podia de mim deixando as cicatrizes de sua bengala em minha pele. Sua morte enfim havia em trazido o benefício de me mudar para uma cidade grande, e quando finalmente achei que iria conhecer os prazeres da vida, acabo perdendo a vida em um barranco no meio da estrada, realmente era meu dia de azar.

Ao pensar que nada havia feito para que minha vida realmente valesse á pena, minha indignação me fez reunir o pouco de força que me restava fazendo-me levantar, com a ajuda de dois grossos galhos pus-me a andar como se fossem muletas, e alguns metros de onde havia caído ao longe vi luzes a brilhar. Apressei-me para chegar até uma incrível mansão no meio do de uma clareira na floresta, lá eu pediria ajuda. Ao chegar percebi que estava havendo uma festa, talvez em meio aos convidados pudesse ter um medico, os empregados viram meu estado e carregaram-me para dentro sem dizer ou perguntar uma única coisa.

Em tal momento não me preocupei em ser cordial as dores ainda tomavam conta de meu corpo, fui levado a um quarto onde havia um homem vestido de branco e duas enfermeiras, o quarto parecia estar preparado para uma pessoa no meu estado, o mais estranho era ver que logo acima da cabeceira da cama havia um retrato meu, pintado a mão, mas muito realista quase como uma fotocopia minha feita te tinta óleo, ao deitarem-me observei o homem vir em minha direção com uma seringa enorme, e logo em seguida tudo virou breu.

Acordei na noite seguinte com uma bela dama de preto arrumando as flores brancas de minha cabeceira, ela me ouviu movimentar e então sorriu a me ver a observando:

-Bom dia senhor Gray, como se sente? – A moça tinha uma beleza deslumbrante, seus olhos azuis, pele branca como gesso e seus cabelos negos eram apenas alguns atrativos combinando suavemente com seus lábios naturalmente avermelhados e carnudos e seu corpo delineado com curvas perigosamente atraentes.

-Bom dia, onde eu estou? – ergui-me na cama me pondo sentado, a moça me ajudou a me recompor logo ficando ao meu lado.

-Arrume-se senhor Gray o anfitrião vai chegar em breve.

A moça saiu do quarto deixando-me sozinho antes mesmo de eu poder perguntar-lhe sobre o que ela estava falando. Levantei-me da cama vendo uma muda de roupas limpas encima da cadeira, as vesti percebendo ser um traje de gala, ao terminar de me arrumar sai do quarto ouvindo uma musica de festa ao fundo. Fui em direção a ela percebendo que toda a casa era encaretada inclusive as paredes que eram estofadas com um tecido de veludo vermelho. Desci até o saguão encontrando inúmeros convidados que eu jamais havia visto na cidade ou em qualquer outro evento, todos eram muito bem arrumados e cada cavalheiro estava na companhia de uma dama de preto usando uma mascara vermelha do mesmo veludo das paredes, aquilo era um tanto estranho, mas como haviam sido muito gentis comigo decidi ficar um pouco e ver o que acontecia. Em meio à festa encontrei a moça que havia me ajudado, ela era a única dama que mesmo com a mascara eu a reconheceria pelos incríveis olhos azuis e obviamente pelos seios fartos dentro do espartilho apertado.

Dirigi-me até ela que com um sorriso me cumprimentou sem dar-me muita importância, passei alguns minutos tentando aproximar-me mais da moça, mas sempre que chegava perto ela dizia:

-Desculpe senhor Gay eu sou a acompanhante do anfitrião.

Ela sempre escapava de mim a cada investida que eu tentava usando essa mesma desculpa, e quando perguntava onde estaria esse anfitrião que se atrasara para sua própria festa sendo deselegante ela me respondia com um sorriso:

-Ele irá chegar em breve.

Já não suportando o tédio e ser ignorado em meio a dezenas de pessoas que se encontravam sempre sérias com seus pares estranhos, eu pus-me para fora daquela mansão, teria que arrumar um jeito de voltar para casa, de um dos funcionários recebi instruções de como retornar a estrada e em pouco mais de meia hora eu já me encontrava nela, vaguei por nem cinco minutos, a noite parecia escura e sem lua, a estrada estava vazia, mas eis que de longe vi a lamparina de uma carruagem se aproximar e sem hesitar pus-me na frente para tentar pará-la, sem poder me ver o cocheiro não diminuiu e então ao se aproximar foi surpreendido pela minha imagem no escuro, puxou as rédeas dos cavalos com tamanha força que eles caíram em meio a terra fazendo a carruagem tombar e assim me atingir lançando-me contra uma árvore. Ao abrir os olhos minutos depois vi os destroços da carruagem e nenhum cocheiro ou cavalo, não tive escolha a não ser voltar à mansão e novamente pedir ajuda. Já sabendo o caminho fui recebido novamente pelos mesmos empregados, que dessa vez abriram a porta pra mim. Ao entrar novamente no saguão todos os convidados pararam e olharam-me ficando quietos e a bela moça veio ao meu encontro enroscando seu delicado braço no meu:

-Estávamos a sua espera anfitrião. – A observei durante alguns segundos e sua face foi mudando de um rosto delicado e belo a um rosto de demasiada deformidade, em poucos segundos a bela moça havia se transformado em uma horrenda criatura parecida com um demônio, suas vestes passaram a ser um manto negro e em sua mão havia uma adaga.

-O... O que é você?

Tentei afastar-me, mas a minha volta tudo se transformou, os convidados viraram animais e a mansão se tornou um barraco fétido e imundo, minhas roupas se desfizeram voltando a ser as mesmas que vestia quando cai do barranco, e meu corpo sangrava com todos os meus ferimentos abertos novamente, então a criatura deu uma gargalhada aterrorizante zombando de meu espanto:

-Eu comprei sua alma quando a vendeu a mim enquanto morria na floresta após ter caído em um barranco, agora você terá juventude eterna senhor Dorian, mas um dia virei buscar meu pagamento, até lá fique com o seu retrato, e cuide bem dele, ele será nosso contrato.

Ao despertar naquela manhã em sobressalto por ter tido um sonho aterrorizante onde me era permitido à juventude eterna em troca de minha alma, vi a minha volta a senhora Dolores e o senador Salazar aflitos, ao me verem despertar a senhora esboçou um sorriso aliviado fazendo o marido parar de circundar o quarto e vir em minha direção:

-Graças a deus Dorian você esta bem... Dolores vá chamar o doutor Vallofert para vir examiná-lo novamente.

Assim que a senhora saiu do quarto recostei-me na cama ainda um pouco atordoado:

-O que aconteceu Salazar?

-Não se lembra de nada? Há quatro dias você saiu de um jantar aqui de casa e sofreu um acidente na estrada, parece que seu cocheiro não viu um pedestre na estrada e ao se aproximar tombou a carruagem com você dentro, ainda ferido você caiu ribanceira a baixo, o capataz de uma fazenda vizinha lhe encontrou desmaiado e muito ferido e quando soube quem você era me avisaram e eu lhe trouxe a minha casa para ficar aos meus cuidados, você esta dormindo a três dias diretos.

Aquela história me era familiar, mas não poderia ser...:

-E Tidus onde esta? Ele esta bem?

-Sinto muito Dorian seu cocheiro não foi encontrado, deve ter fugido com medo de ser preso ou demitido por ter lhe feito sofrer o acidente.

Logo em seguida a senhora Dolores entrou no quarto trazendo o medico, fui examinado e diagnosticado curado milagrosamente, não havia em meu corpo nem marcas nem hematomas do acidente, como fui examinado com sigilo pedi ao doutor que não comentasse o que viu com ninguém, muito menos com Salazar e a esposa. Passados mais dois dias finalmente pude voltar a minha moradia, fui levado em casa pelo meu grande amigo e protetor, ele quis se certificar de que eu estaria em segurança, logo depois de me despedir, me encaminhei até as escadas sendo abordado por Vesta a minha governanta:

-Senhor Dorian sua encomenda chegou há três dias, a puseram em seu quarto.

Não sabia do que ela estava falando, mas estava sem cabeça para pensar em qualquer coisa, meus pensamentos estavam no sonho que eu havia tido, parecia tão real, e os acontecimentos estavam indicando que talvez fosse real. Ao chegar ao meu quarto deparei-me com um quadro embrulhado em um pano de veludo vermelho, como na decoração da mansão do sonho que eu havia tido, desembrulhei o quadro com um pressa.

Novamente vi meu retrato marcado realistamente na tela. Fiquei pasmo ao ver que o sonho era real, mas se era mesmo, o que eu me tornei? Um morto vivo? Um monstro? Não importava agora eu tinha uma segunda chance de fazer a minha vida acontecer, e eu a usaria sem temer ser pecaminoso ou indecente, que o mundo se prepare para o novo Dorian Gray.

Deixei o quadro pendurado em minha sala, assim todos poderiam admirar a minha perfeita imagem enquanto desfrutavam de momentos agradáveis ao meu lado. Meu primeiro visitante foi logicamente meu amigo Salazar, desta vez desacompanhado de sua esposa. Gostava das conversas com Salazar, era um homem maduro e decidido, um pouco arrogante, mas sabia muito da vida, naquela tarde viera a minha casa para convidar-me à uma festa de um de seus sócios no comício, obviamente queria me incluir na sociedade, e talvez isso me fizesse conhecido, então aceitei o convite.

Ansioso para finalmente ser reconhecido pelas pessoas da cidade me preparei vestindo um traje muito elegante, modéstia parte Dorian Gray nunca foi um rapaz feio, eu sempre tive excelentes atributos meu defeito era ser tímido de mais para explorar tamanho talento.

Na noite da festa, esperei Salazar ir me buscar para que chegássemos junto, ao que soou meia noite, supus que não viria mais, fiquei extremamente irritado com sua falta de consideração comigo e no dia seguinte fui até sua casa sendo recebido por Dolores:

-Senhor Gray, a que devo a honra de sua visita? Entre, sente-se comigo na sala de bordados, Salazar não irá demorar.

-Obrigado senhora, onde esta meu amigo? – sentei-me a sua frente no sofá da sala de bordados a vendo retomar o tricô.

-Salazar foi a uma cidade vizinha resolver alguns problemas do comício, votará logo eu espero, mas então o que deseja é apenas com meu marido? – Dolores olhava-me enquanto suas mãos ainda teciam sem nem mesmo errar um ponto se quer.

-Como? Ah sim, creio que minha conversa era só uma cortesia, e também para saber o porquê de seu marido não ter aparecido ontem em minha mansão como prometido. – Ergui os olhos para fitar os da mulher, eles estavam diferentes do normal, queimavam-me por dentro como se me chamassem.

-Ah senhor Gray, meu marido teve um jantar ontem a noite com seu sócio queira lhe desculpar, creio que deve ter esquecido seu compromisso com o senhor...

Era obvio de que Dolores não sabia absolutamente nada sobre o convite feito a mim por Salazar. Estava prestes a ir embora quando um empregado da casa veio avisar de que por causa da repentina chuva as estradas estavam bloqueadas e por tanto o senhor da casa teria que dormir em uma hospedaria da cidade vizinha, por um instante vi um sorriso perverso nos lábios da senhora, mas não me mantive preso ali, levantei-me dando-lhe um beijo na mão como sinal de respeito despedindo-me:

-Então com sua licença vou retornar a minha residência.

-Senhor Gray, não ouviu o capataz? As estradas estão bloqueadas, creio que devesse passar a noite aqui, pode ser perigoso pegar um atalho a essa hora.

Sem muitos argumentos e entendendo o sorriso da senhora, eu aceitei o convite, me alojaram num dos melhores quartos, duas portas a frente do quarto do casal, logo após o jantar do qual só participamos eu e a senhora numa conversa completamente de duplo sentido, retirei-me aos meus aposentos retirando as primeiras peças de roupa para ir deitar-me. Ao tirar o colete e começar a abrir a camisa, senti duas pequenas mãos subirem pelo meu peito envolvendo-me por baixo de minhas vestes, em seguida senti um par de seios quentes e macios tocarem minhas costas e uma voz familiar chamar-me:

-Quer ajuda senhor Gray?

Virei-me para ela vendo seu corpo nu e suas mãos a sabotar minha camisa. Dolores não era a mais bela das mulheres que eu já havia visto, devia ter quase seus trinta anos e era casada com um homem quinze anos mais velho, estava conservada, trinta anos não era muito para uma mulher, mas talvez fosse para uma senhora dona de casa. Naquele momento a vendo ali parada em minha frente, não recusei sua ajuda, a vi despir toda a minha roupa, então a peguei nos meus braços lançando nossos corpos a cama, não tive pudor algum mesmo sabendo de quem se tratava não me pareceu errado e tão pouco imprudente, deixei-me levar apenas pelo momento e pela diversão.

Na manhã seguinte creio que a senhora tenha acordado mais bem disposta, mas sem minha companhia ao seu lado, sai logo antes de raiar o sol, não queria ser visto ali muito menos com aquela mulher. Ao chegar a casa dirigi-me direto para o meu quarto, descansei por algumas horas até receber a visita de Salazar, ao chegar a minha sala onde ele se encontrava, passou-me pela cabeça que a senhora Dolores já havia lhe contado sobre nossa noite, mas descartei a idéia quando a me ver ele esboçou um sorriso aberto:

-Dorian, eu sinto muito por nosso desencontro do outro dia, eu e Dolores tivemos uma pequena discussão sobre filho e ela me tirou do sério.

Salazar apesar de já ter certa idade, era um homem que detestava crianças, já Dolores tinha o sonho de ser mãe, ela vivia tricotando roupas para seus futuros filhos, mas embora tentasse sempre engravidar de nada adiantava. Talvez por causa da discussão tenha procurando-me na noite anterior.

Conversamos durante toda a primeira parte da tarde, logo em seguida ao por do sol saímos para o Salloom onde nos divertíamos mais do que dois bebês em bodega de doces. Ele com duas mulheres apenas aos beijos por não querer trair Dolores, e eu com cinco por que não queria perder tempo escolhendo. A cada noite que passava eram mais mulheres, havia dias em que saía sozinho e ao retirar-me do cabaré vagava pelas ruas e se encontrasse uma dama da noite ou uma moça desavisada, eu a fazia a minha saideira antes de voltar para casa, ao todo em três meses devo ter levado para minha cama mais de 120 pessoas, eu disse pessoas por que ao longo do que eu ia descobrindo os prazeres do sexo, descobri uma forte atração por homens o que deixava tudo ainda mais excitante, mas esse meu interesse sempre ficou oculto, pois nos tempos em que estávamos não era bem visto.

Aprendi também a gostar muito de um utilitário indiano chamado narguilê cujo recipiente queimava qualquer coisa que pudesse exalar fumaça ou entorpecentes alucinógenos, usava também cigarros, charutos e cachimbos. Logo após semanas de muita bebedeira, drogas e sexo grupal ou não, retornei a minha casa deparando-me com meu bellissimo quadro, que naquele momento já não estava tão bellissimo assim, sua pintura não esboçava mais minha beleza realista, ela mostrava algo a mais, sua tinta parecia mexer-se mostrando por de trás da pele da pintura e assim se tornando cada vez mais repugnante, então entendi que como um contrato aquilo significava como eu estaria se não tivesse sido amaldiçoado com juventude eterna. Não liguei pra imagem dele apenas o retirei da sala e o pus numa compartimento secreto atrás da parede de meu closet.

Após muitos dias sem ver Salazar enfim recebo em minha casa um telegrama dele com a seguinte frase "Dorian compareça a minha casa hoje a noite.". Fiquei intrigado sobre o que ele queria e por que exigia minha presença, então sem atrasar-me cheguei em sua casa sendo recebido com charutos e gim. Ao que entro na sala vejo a minha adorável amante de uma noite apenas sentada bordando mais uma roupa para bebê, ao levantar-se vi sobre seu vestido certa saliência então veio a explicação:

-Meu amigo Dorian, Dolores esta grávida, isso não é ótimo?

Salazar abraçou-me eu o cumprimentei, Dolores me olhou como se quisesse dizer-me algo, mas disfarçou bem a ponto de ninguém mais notar além de mim:

-Parabéns meu amigo, finalmente ira ter um herdeiro ou herdeira para seus negócios...

-HERDEIROOOO... Será um menino, tenho certeza disso, e sim terei um e peço-lhe caro amigo que seja padrinho de meu filho.

-Claro claro serei padrinho da criança, com todo prazer.

Salazar estava radiante, tinha certeza de que a criança seria um menino, e talvez se não fosse ele se decepcionasse a ponto de não a nomear sua filha, mas em pensamentos pedi para que fosse mesmo um menino, e quanto a convidar-me para ser padrinho, não era algo que me agradasse, mas devia isso a ele depois de ter dormido com a mulher dele:

-E pra quando é o seu filho? – fiquei um pouco intrigado com as datas.

-Pra daqui a seis meses... Nascerá em pleno inverno.

Seis meses, o que dava a Dolores três de gestação, tempo exato de nossa primeira e única noite, talvez tenha me perdido nos dias e aquilo não batia, ou talvez sim aquele filho fosse meu. Não quis pensar em tamanho absurdo, mas era lógico o meu pensamento, Dolores achou que Salazar fosse estéril então dormiu comigo para que pudesse dar-lhe um filho, era simples porem perigoso, mas contanto que isso ficasse só em minha mente, não teria problemas, Dolores não contaria nada com medo da fúria de Salazar e prezando a vida do bebê, eu deveria apenas afastar-me por uns meses até que todo esse alvoroço acalmasse-se.

Na manhã seguinte parti rumo a Nova York, precisava ficar longe de todo aquele problema não confirmado, passei oito meses viajando conhecendo as mais diversas damas e cavalheiros fiz dois noivados e fui motivo por dezenove brigas entre mulheres e rapazes, participei de seiscentas festas e cento e vinte delas eram com pudor discreto. Talvez tenha

engravidado algumas moças, as que ousaram me procurar eu tive que dar um jeito de as fazerem perder os fetos antes mesmo que pudesse criar semanas de vida. De algumas delas senti até um pouco de pena, mocinhas tão novas não mereciam tal tratamento, mas ninguém as mandou serem tão fáceis de iludir.

Não passei uma quinzena se quer sem escrever para Salazar, ele não respondia pelo fato de eu nunca ficar mais de três dias no mesmo bairro por segurança, afinal me meti com pessoas incrivelmente perigosas.

Após o término dos seis meses recebi a visita de um mensageiro que havia me procurado Nova York inteira para dar-me a notícia de que Salazar havia sofrido um atentado do partido rival, voltei a Londres o mais rápido possível, e ao chegar a casa de meu amigo quase seria tarde de mais, entrei no quarto onde ele estava enfermo deitado em sua cama com sua esposa ao lado, ao ver-me se surpreendeu e então se retirou do quarto, pus-me ao lado de sua cama:

-Salazar, como pode descuidar-se tanto? – segurei em sua mão, embora não me sentisse triste queria dar-lhe meu conforto.

-Dorian... Você veio, houve uma emboscada e eu fui pego, por favor, tenho um pedido a fazer-te.

-Diga, pode pedir o que quiser. – Apertei sua mão o vendo ter dificuldades em expressar qualquer que fosse o pedido

-Cuide de Ciel, e de Dolores também, você é o único a quem confiaria minha alma.

Após palavras tão fortes, seu último suspiro se apagou o fazendo enfim descansar. Levantei-me dali e ao sair um pouco chocado Dolores que estava no corredor já sabia o que havia acontecido então entrou em disparada no quarto pondo-se de joelhos ao lado do marido em prantos. Com todo o barulho mal pude ouvir meus pensamentos, então logo que os serviços subiram para acalmar a senhora caminhei pela casa e ao chegar perto da biblioteca ouvi choro de criança, abri a porta de um dos quartos deparando-me com um bebê no berço, imaginei ser o filho de Salazar, Ciel, ele já havia escolhido o nome antes mesmo da criança nascer, e o desgraçado estava certo, era mesmo um menino. Aproximei-me do berço vendo uma criança incrivelmente bela, com pele clara como a neve do inverno em que nasceu, e os cabelos extremamente lisos e negros, ao abrir os olhos azuis e fitar os meus meu coração apertou-se em um sentimento que jamais sentira antes, os olhos daquela criança pareciam penetrar-me vendo a minha alma suja manchada pelo último ano de pecados insanos, Ciel começou a chorar como se tivesse visto um demônio em sua frente, e ao que seu choro espalhou-se pela casa, Dolores entrou imediatamente no quarto o pegando em seus braços e o afastando de mim:

-Não chegue perto dele... Jamais encoste no meu filho. - Ela o apertou contra seu peito tentando acalmá-lo mas a criança se debatia talvez horrorizada em me ver.

-Desculpe não quis incomodar. – Sai de perto deles retirando-me do quarto, fiquei no corredor ouvindo apenas o silêncio do menino assim que minha presença ali já não existia mais.

Voltei a minha casa após longos meses fora, e nada parecia ter mudado, estava tudo como era antes de eu sair, menos... Menos o meu quadro, ao voltar a olhá-lo vi tamanho estrago que minhas ações haviam causado a minha alma, a pintura estava fétida e imunda, mal podia ficar perto dela sem sentir náuseas, mas nenhum arrependimento passou-me pelo pensamento.. Estava ocupado de mais intrigado do por que Ciel havia reagido assim ao ver-me, procurei em meus antigos livros da escola alguma explicação, lá dizia que os bebês tinham o poder de ver a alma das pessoas e o seu destino, mas que iam perdendo o dom com o passar dos anos e com a perda de sua pureza devido ao desenvolvimento corporal e ao interesse pelo pecado, mas que em raras ocasiões eles ainda mantinham seu poder psíquico. Essa explicação deixou-me ligeiramente irritado, aquele bebê sabia o que eu era, ou o que tinha me tornado, e eu tinha que livrar-me dele, embora tivesse grandes chances de ele ser meu filho, não o queria vivo, ele podia desenvolver esse dom de ver a alma e acabar crescendo, podendo falar, ele estragaria toda a minha vida.

Estava decidido do que iria fazer, então planejei tudo com muita cautela, durante uma semana pedi que um empregado meu ficasse no encaixo de Dolores para ter certeza de que horas ela saia com a criança para passear, após receber um relatório com os horários, planejei tudo para que parecesse apenas um seqüestro do partido opositor ao mandato de Salazar. Logo no fim de semana comecei a colocar meus planos em prática, deixei avisado que iria viajar para que Dolores não pensasse em me culpar pelo incidente.

No domingo entre quatro e cinco horas da tarde, posicionei minha carruagem perto da estrada que dava a caminho da casa de Salazar, mantive-me escondido junto com meu empregado de confiança Paul, esperando Dolores sair com o menino, não demorou muito pra que isso acontecesse, logo que meu relógio apontou quatro horas lá estava ela saindo de casa com o filho nos braços. Eu teria menos de meia hora para capturar a criança e matá-la. Assim que se afastou um pouco de suas damas de companhia, aproximei-me de Dolores a puxando para dentro das entranhas da floresta, ao cairmos o bebê escorregou de seus braços e então Paul o pegou e saiu correndo com ele floresta adentro. Dolores debatia-se em meus braços e em uma unhada rasgou a máscara que eu usava para não ser reconhecido, ao ver-me diante de si arregalou seus olhos como se tivesse visto um fantasma, então minhas mãos inconscientemente puseram-se a apertar seu pescoço até que lhe faltasse o ar e a deixasse inconsciente. Ao vê-la ali desmaiada meus olhos

perderam o brilho e então foi como se algo se apossa de mim tomando conta de meu corpo me deixando a par do que estava fazendo, mas sem poder interferir. Abri o espartilho do vestido de Dolores e então vi seus enormes seios saltarem por de dentro da roupa, estavam ainda maiores do que me lembrava, deveria ser pelo fato de que estava amamentando, ergui seu vestido deixando minhas mãos a tocarem por de baixo das peças de roupas, seu corpo era quente e eu estava excitado com o perigo e adrenalina, então decidi aliviar-me com ela mesmo inconsciente.

Aproveitando-me de um corpo desmaiado no meio da floresta não me parecia certo há um ano, mas não me importava agora. No meio do ato Dolores acordou entrando em pânico novamente, mas eu havia me precavido, amarrei suas mãos pernas e amordecei sua boca para que se mantivesse quieta até eu terminar. Após algum tempo a forçando a me obedecer finalizei meu ato com uma ejaculação gloriosa, mas Dolores estava em prantos como se eu a tivesse tirado a alma, ou fosse o pior dos amantes, aquele ato de desdém me deixou terrivelmente irritado, a ponto de eu a estapear a fazendo grunhir, suas mãos se soltaram das cordas e ela voltou a unhar-me desta vez deixando-me uma marca profunda no ante braço, com raiva eu a peguei-a e lancei contra uma pedra, vi sua cabeça bater contra ela e seu pescoço quebrar, devido ao choque seu corpo entrou em convulsão e passou a mexer violentamente, aproximei-me dela segurando em minhas mãos um pedregulho e então a golpeei varias vezes no crânio para que parasse de se mexer. Sua cabeça foi completamente esmagada, sentia o cheiro forte de sangue e fluidos cerebrais espalhados pela terra do chão e tudo o que havia dentro dela estava manchando minhas roupas, mas ainda assim eu via o olhar de nojo dela pra mim então me levantei e aticei fogo no corpo, pedi para Paul deixar o menino ao lado da mães para que pudesse ser queimado junto e logo em seguida fugi. Sem demorar e alertados pela fumaça os capatazes da fazenda chegaram vendo o estrago feito pelos revolucionários do partido opositor. Voltei a minha mansão livrando-me das peças de roupa manchadas, mas guardando comigo o lenço de Dolores, apenas para lembrar-me de meu primeiro assassinato.

Passei os três dias que se seguiram em cabarés e bares festejando a minha liberdade da criança detestável e de sua mãe adúltera. Em uma madrugada ao voltar de uma pequena festinha com dois "amigos", fui recepcionado por Vesta minha governanta acompanhada de um homem com cara de velório, era o advogado de Salazar, que com muito pesar viera me informar da morte de Dolores, e dizer-me a ultima vontade de meu amigo e sua esposa vadia:

-Senhor Gray, vim trazer-lhe a ultima vontade de seu amigo o senador Salazar.

-Sim claro queira sentar-se, por favor - prestei atenção no que significava a ultima vontade de meu amigo.

-Senhor Gray, como sua ultima vontade, o senador pede-lhe que tome conta de sua mulher e filho, mas como a senhora Frozen foi brutalmente assassinada há alguns dias atrás só resta pedir-lhe que tome conta de Ciel Frozen, filho de Salazar e Dolores Frozen, terá a guarda total do menino e dos bens que ele possui...

-Espere... O que disse? – Levantei-me incrédulo do que ouvia, o garoto havia sobrevivido?

-O senhor terá a guarda do menino, e como seu padrinho devera zelar por ele, caso não queira assumir a responsabilidade pelo garoto, deverá levá-lo a uma instituição de adoção e preencher os papeis para que ele seja levado para uma família posteriormente, a família Frozen não tinha parentes, e os mais próximos moram no Japão como imigrantes ilegais.

-Quando posso mandar o menino pra adoção? – sentei-me tentando manter a calma sem parecer suspeito.

-Daqui a duas semanas senhor, é tempo suficiente para eu preparar os papeis e o senhor assiná-los, mas esta certo disso...

-SIM... Digo, sim, estou certo disso, mande preparar os papeis de adoção, não quero ter responsabilidades agora.

-Como quiser senhor Gray.

O advogado saiu de minha casa e assim que passou pela porta ouvi o choro irritante do garoto vir do andar de cima:

-Vesta, o bebê já esta aqui? – passei a mão em meu rosto o sentindo suar por lembrar da presença do moleque no mesmo ambiente que eu.

-Sim senhor, ele veio junto com o advogado dos Frozen, eu deixei ele em seu quarto para que pudesse cuidar dele quando nos retirarmos.

-NÃÃÃO!! RETIRE AQUELE SER DE LÁ EU NÃO O QUERO PERTO DE MIM, CUIDE DELE VOCÊ, LHE PAGAREI O TRIPLO. –Vesta assustou-se com minha reação então decidi voltar a me manter calmo. - Digo, cuide dele você, eu não levo jeito com crianças e elas me irritam, por favor, o retire de lá e o leve com você.

Vesta obedeceu-me em imediato retirando o menino de meu quarto e o levando com ela para o quarto de empregadas, mas mesmo o garoto estando três andares abaixo de mim em minha cabeça ainda ouvia seu choro irritante, e passavam pelos meus pensamentos o olhar desesperado e enojado de Dolores, irritado com o que me atormentava

destruí boa parte de meu quarto, e então vi a passagem atrás de meu closet se abrir, e a voz de meu quadro me chamar a fazer uma visita. Ao entrar quase tive náuseas devido ao cheiro horrível que ele exalava, sua tinta estava suja e desbotada e minha imagem todos os dias pior com insetos saindo entre a vibra da tela e rastejando pelo chão vindo ao meu encontro, antes mesmo de desmaiar com o odor de podridão retirei-me dali indo para cama. Não dormi um segundo se quer daquela e das noites seguintes, por incrível que pareça nem sair de casa mais me dava ânimo, minha única companhia era uma garrafa de absinto e o choro estridente de Ciel nos braços de Vesta quando se aproximavam de mim ficando no mesmo cômodo que eu, por muitas vezes ele só calava-se ao afastar-se de mim, ou quando isso não funcionava, Vesta o levava para o jardim e assim ele se acalmava.

Era impressionante como alguém tão pequeno conseguia despertar em mim um ódio tão grande, ele ousava desafiar minha autoridade, e mesmo sento apenas uma criança eu sabia que ele sabia o que eu era embora nem eu mesmo soubesse. Ao fim de uma quinzena, finalmente os papéis de adoção estavam prontos, no dia e que levei o menino para a cidade para deixá-lo em uma casa de adoção, Vesta teve um contratempo com sua irmã que acabara de casar-se e teve o dia de folga, então chamei Paul para levar a criança comigo para que eu não precisasse a segurar. Durante todo o caminho o fedelho não se calou um segundo se quere por desgraça a roda de minha carruagem entortou Paul teria que sair para ajudar cocheiro a arrumá-la então colocou o menino num cesto e o deixou no chão do vagão, o garoto debatia-se e chorava desesperadamente, as vezes mantinha o mesmo olhar de sua mãe a me ver. De tanto mexer-se quase virou o cesto e com um ato de reflexo eu o juntei antes que tombasse o garoto então diminuíu o choro ao agarrar-se em meu dedo e o apertá-lo com força entre sua mãozinha. Eu o olhei um pouco distraído e então o peguei do chão o trazendo para meus braços, ao acomodá-lo ele calou-se quase que imediatamente, ainda segurando meu dedo ele prestava atenção no meu rosto e eu via seus olhos descer e decorar cada linha de minha expressão. Por um minuto eu sorri um pouco perdido no rosto angelical e inocente do menino.

Assim que os concertos terminaram voltei a deixar o menino aos cuidados de Paul e ele por desgraça voltou a chorar, Paul então se atreveu a soltar o menino em meu colo o vendo parar de chorar novamente e voltar em seguida assim que o pegou, fez o teste umas cinco vezes então me olhou como quem respondia uma questão óbvia, bufei um pouco descontente e segurei o menino em meus braços o vendo se aconchegar sozinho e logo em seguida pegar no sono. Era encantador quando dormia suas bochechas levemente rosadas e sua pele extremamente branca eram perfeitos com os cabelos negros, seria adotado facilmente por uma família estrangeira, mas ao pensar nisso, meus dentes rangeram-se um no outro em sinal de desgurado ao pensar que talvez o menino pudesse ser encantador assim com mais alguém além de mim, talvez tomado pelo ciúme de saber que algo que foi dado a mim seria usufruído por outras pessoas desmerecedoras eu gritei para o cocheiro levar-me de volta para casa.

Ao ver-me retornar com o garoto nos braços Vesta abriu um sorriso contente como se soubesse que o fedelho iria conquistar-me se eu o desse uma chance, o levei então para meu quarto e o dei em minha cama o deixando dormir, e durante todo o seu sono eu o observei, ele mal se mexia e eu aproximava-me dele para ter certeza de que estava respirando. Vendo-me tão preocupado com uma vida que não fosse a minha, e com algo que por algum momento me pareceu trazer-me felicidade e ciúme percebi então que a partir daquele dia não poderia mais o deixar, ele estava preso a mim querendo ou não.

Com o passar dos meses eu via Ciel desenvolver-se cada dia mais depressa, aos nove meses ele já quase andava, e foi numa dessas experiências que me aproximei dele na sala recebendo um sorriso doce e banguela, seus bracinhos esticaram-se para que eu o juntasse do chão e assim eu o fiz sem que ninguém da casa me visse ser gentil com tal criatura. Quando o peguei em meu colo, senti suas mãos tocarem o meu rosto e então seus pulmões inflarem soltando um atrapalhado "Dolian", talvez me parecesse estranho à variação de meu nome em linguajar dos bebês, mas mesmo assim me senti orgulhoso dele quando sua primeira palavra foi meu nome, só restava saber o por que... Ele jamais escutara alguém chamar-me pelo nome, em todo o lugar aonde eu ia era sempre "Sr. Gray" ainda assim não me mantive preso a detalhes, sem ninguém em casa para atrapalhar-me eu o deixei em meu colo o vendo brincar e pronunciar mais vezes meu nome comendo algumas letras. Via sua boquinha se movimentar à medida que ia soltando grunhidos então puxei seu pequeno queixo para mim e dei um beijo rápido em seus lábios o soltando no chão novamente o vendo brincar enquanto o apreciava de minha poltrona.

Durante toda a tarde passei a molhar meus lábios com a língua talvez me perguntando do por que eu o havia beijado, era apenas um bebê, e isso era repulsivo até mesmo para mim. Frustrado, esperei Vesta retornar do mercado e sai em seguida, deixei Ciel aos cuidados dela e só voltei oito dias depois, foi uma das maiores festas das quais já participei. Ao retornar quase não me lembrava do ocorrido e muito menos do meu ato estranho, entrei em meu quarto vendo Ciel dormir em minha cama assim como fazia quando estava doente ou com insônia. O deixei ali e então decidi espionar meu quadro já que fazia meses que eu não o via. Ao abrir o compartimento atrás do closet não senti cheiro de nada além de poeira, entrei e deparei-me com minha pintura num estado um pouco melhor do que a última vez, era possível que tivesse se recomposto? Eu havia passado um longo período fora pecando, drogando-me, bebendo e tudo mais que tinha direito, mas meu quadro não apodreceu mais, pelo contrário renovou-se um pouco, antes mesmo de eu pensar no que poderia ter acontecido Ciel começou a chorar me dispersando e fazendo-me ir até ele. O peguei em meus braços o fazendo parar de chorar, então entrei com ele para voltar a ver meu quadro, e assim que ambos nos aproximamos dele a tinta escorrida começou a recuar para seu devido lugar fazendo o monstro da pintura ficar menos horrendo, desviei os olhos para o caminho que a tinta fazia encontrando a mão de Ciel na tela do quadro, assim que

sua mão se afastou a tinta parou ficando no mesmo estado em que estava antes. Retirei-me dali com o menino e prometi a mim mesmo jamais o expor a tamanha aberração.

Alguns anos se passaram e Ciel estava com idade suficiente para entrar na escola, ainda muito ciumento de quem ou o que poderia encostar-se ao meu garoto eu o prendi em casa o convencendo por mais um ano, mas aos oito e já teimoso não tive como recusar seu pedido, ele sabia que ao olhar-me com seus olhos azuis e balançar o cabelo negro por cima dos olhos e morder os lábios avermelhados implorando para conseguir o que quer, era meu ponto fraco e eu sempre cedia a ele. Naquele ano ele foi pela primeira vez a escola, já muito adiantado devido às aulas particulares em casa era um excelente aluno, e eu não esperava menos de uma criança como ele. Ainda sem saber muito bem o porquê, a cada dia que passava meu quadro restaurava-se mais, e Ciel jamais voltou a vê-lo novamente, cheguei à conclusão de que pelo fato de eu cuidar de Ciel, meus erros haviam sido quase todos perdoados e eu estava me reconstruindo, mas embora eu cuidasse do garoto, ainda não deixava de fazer minhas festas e noites banhadas a sexo e drogas.

Houve um dia que em surpresa decidi buscar Ciel na escola para meninos, ele estava brincando com um amigo chamado Leonard, os dois quase sempre ficavam juntos e até onde eu havia investigado Leonard morava apenas com o pai viúvo e artesão. Ao ver-me sair da carruagem Ciel veio em minha direção agarrando-se ao meu corpo como se tivesse passado meses sem ver-me, às vezes os seus pequenos atos me deixavam encantado, a forma que me olhava quando o ensinava a estudar e admiração que tinha por mim mesmo sabendo o que eu fazia nas noites que passava fora, era de fato algo apaixonante. Naquele dia Ciel pediu-me para dormir na casa de Leonard no fim de semana, irritado com o pedido proibi Ciel de sair de casa, ele chateado com a minha decisão trancou-se em seu quarto e nada o fazia sair de lá. Tentei dar-lhe brinquedos novos ou livros de filosofia que ele tanto gostava de ler, mas ele não me respondia, era sufocante não poder ouvir a voz do menino ou seu riso ecoando pela casa, aquilo estava acabando comigo, então não tive outra escolha a não ser mais uma vez ceder a ele e a sua vontade. Ciel nunca foi mimado, embora tivesse tudo, seu coração era imensamente generoso, todo o ano doava seus brinquedos com mais de três meses sem uso para crianças do orfanato no qual quase havia ido parar.

Mas embora não fosse mimado, era inocente de mais, sua ingenuidade às vezes me causava medo, medo de que alguém um dia pudesse aproveitar-se dele de forma que eu não pudesse salva-lo. No dia em que dormiu fora de casa, meu coração ficou apertado, passei aquela noite inteira e a manhã seguinte na sala de estar circundando o cômodo à espera do meu menino. Assim que o cocheiro finalmente o trouxe abriu a porta aliviado em vê-lo, mas Ciel passou em disparada por mim indo direto ao meu quarto. Fiquei sem entender, mas sabia que havia algo errado, ao chegar e abrir a porta, o vi sentado na cama com as pernas cruzadas, ao sentar-me a sua frente seu corpinho atirou-se em meus braços num abraço apertado fazendo-me cair na cama, mas mantendo-o em meus braços. Arcariciei seus cabelos que a cada dia pareciam mais negros, seu corpo estava completamente quente e mesmo por cima de vários panos do traje daquela época eu pude o sentir. Ao fim do abraço Ciel segurou meu rosto o fitando durante vários minutos então o beijou inteiro não esquecendo nenhum centímetro inclusive meus lábios. Eram normais alguns selinhos vindos dele pra mim, afinal eu o acostumei assim depois de perceber que não resistiria aos seus lábios avermelhados, mas nunca se passou disso, chegava a ser inocente na maior parte do tempo.

O deixei deitar-se comigo assim como fazia nos dias em que não conseguia dormir ou quando tinha tempestades, ele dizia que quando estava ao meu lado sua filosofia fazia mais sentido e então podia dormir seguro. Mal sabia ele que eu era um dos piores monstros de todo o mundo, ou talvez soubesse em seu subconsciente, e apenas tivesse esquecido. Por toda a manhã dormimos juntos, ao despertar-me dei por falta dele em meu quarto, então ajetei-me e desci para procurá-lo, Vesta disse que o garoto havia ido até o jardim principal ler um pouco, então não quis incomodá-lo e o deixei. Durante todo o resto do dia eu não o vi, ele almoçou no jardim e permaneceu lá até a noite. Quando estava prestes a começar a me arrumar para sair em uma de minhas festas, ao abrir a porta de meu quarto deparei-me com Ciel e seu urso vestidos com pijamas iguais costurados por Vesta, ele me olhou vendo minha roupa de festa e logo abaixou os olhos, eu sorri o puxando pela mão e voltando a desarrumar-me, naquela noite eu não sairia, eu dormiria com ele mais uma vez, o que me agradava mais do que qualquer noite de sexo e bebidas. Ao ver-me novamente desarrumado e pronto a dormir Ciel deitou-se na cama e eu me coloquei ao seu lado, como era de costume ele dormia abraçado com a cabeça no meu peito, e assim ele dormiu aquela noite. Um pouco depois da madrugada, senti o tempo mudar então decidi pegar um cobertor a mais para que ele não sentisse frio, ao retornar vi seu corpo destapado, aproximei-me e antes mesmo de ajeitar sua pijama o abaixando meus olhos captaram uma mancha roxa em suas costas descendo-lhe pelo quadril, mordi meu lábio certo zinzindo o cenho ficando um pouco tenso, aquelas não eram marcas de brincadeiras, temi que descessem até certo ponto onde eu sabia que indicariam abuso da parte de outro adulto, respirei fundo até ter coragem de abaixar um pouco e com cuidado as roupas de Ciel, então antes mesmo de eu ver alguma coisa ele acordou ficando extremamente assustado:

-Do... Dorian? – o menino pegou-me em flagrante, mas mesmo assim eu queria saber o que havia acontecido.

-Ciel, o que houve com seu quadril? Por que esta com essas marcas? – Levantei mais suas roupas vendo as marcas espalharem-se pelo seu corpo me arrancando um suspiro de desgosto.

-Eu... hm...eu me machuquei brincando com Leonard. –Embora fosse doce, Ciel não sabia mentir, seus olhos ficavam azul escuro quando estava triste ou mentindo ele sabia que eu não acreditava nele, mas não quis o pressionar então arrumei suas roupas colocando o cobertor extra por cima dele.

-Tome cuidado da próxima vez sim? Não quero que se machuque.

Ele assentiu com a cabeça voltando a dormir abraçado em mim, sentia sua respiração um pouco pesada, mas logo se acalmou quando passei a acariciar lhe o corpo. Eu não desistiria de saber o que havia acontecido, e certamente minhas respostas estavam na casa de Leonard, já que depois de sair de lá ele havia voltado diferente. Durante a semana inteira Ciel agiu dessa maneira, ficou quieto e só fazia ler o dia inteiro, então pedi para Paul investigar a vida do pai de Leonard e dizer-me o que havia de errado com ele. Ao chegar o fim de semana decidi oferecer a Ciel mais uma noite na casa do amigo, em imediato ele recusou sem pestanejar, era obvio que havia acontecido algo naquela casa e eu já sabia o que era. Paul havia me dito que o pai de Leonard já havia sido acusado por sua falecida esposa de ter tocado em seu filho mais velho quando ele tinha a idade de Leonard, por causa de falta de provas a mulher foi considerada louca e ao tentar provar perdeu a guarda dos filhos e então se matou. Ao imaginar as mãos nojentas daquele homem no corpo do meu garoto, meu sangue subiu-me a cabeça fazendo-me perder a consciência. Pedi a Paul que me levasse até a loja do artesão para que eu pudesse acertar com ele as minhas contas.

Ao chegar à loja, logo após entrar e trancar a porta certifiquei-me de deixar Paul do lado de fora para que ninguém interferisse. Quando pousaram sobre minha imagem os olhos do artesão arregalaram-se soltando uma única frase:

-Senhor Gray? É o senhor mesmo?

-Sim sou eu, além de ser pai do amigo de Leonard não me lembro de conhecê-lo. – Fiquei intrigado de onde ele me conhecia.

-Senhor Gray eu fiz seus melhores brinquedos de quando morava com seu avô e sua primeira bengala de quando tinha dezesseis anos, Passaram-se oito anos e o senhor permanece igual ao que eu me lembro.

Era evidente o espanto, por isso talvez eu não sáisse de casa durante o dia, as pessoas da sociedade ficavam horrorizadas por ver-me sempre com a mesma aparência, nada em mim mudava nem meu rosto envelhecia, nem meus cabelos cresciam, eu era sempre jovem e impecável, mas não estava lá para se analisado e sim resolver o que havia para resolver.

-Vim encomendar uma bengala nova, uma que possa proteger-me durante a noite.

-Tenho o modelo ideal para o senhor, ela é muito útil para as noites, em seu tronco ela vem com uma espada embutida para defesa, é uma lamina de metal afiado e inoxidável era o modelo preferido de seu avô o Duque Gray, o senhor vai querer?

Ao mostrar-me a bengala- espada, mal o sabia que aquela seria a arma de sua morte, assim que eu a segurei em minha mão a saquei cravando-lhe em cheio no abdômen, o homem caiu de joelhos a minha frente, então me abaixei diante dele para que pudesse fitar seus olhos, ao olhar os meus no reflexo de sua retina percebi em torno de mim uma sombra escura, talvez indicando meu ódio e repulsa por alguém que ousava tocar em uma criança com segundas intenções, por que embora eu ainda não soubesse meu real sentimento por Ciel, jamais o toquei com outra intenção a não ser carinho e acalmá-lo, vendo o artesão esvair-se em sangue manchando todo o assoalho de madeira eu sorri sentindo-me muito bem, sem entender e ainda podendo falar, mas com um tom abafado o homem perguntou-me por que:

-Por que você ousou tocar no que é meu. – Seus olhos tomaram uma forma desesperada percebendo que eu havia descoberto seu segredo repulsivo.

-Eu não quis Senhor Gray, ele me obrigou a tocá-lo, Leonard esta de prova, meu garoto viu tudo, seu filho ele foi o culpado.

-Como pôde fazer isso com uma criança inocente, e quanto a Leonard, há quanto tempo faz o que fez com seu filho mais velho?

-Victor não era meu filho, era fruto de uma traição, jamais toquei em Leonard e não toquei em Ciel, ele fugiu escondendo-se de mim durante aquele dia inteiro, ao achá-lo metido entre as pedras do jardim de inverno seu cocheiro chegou antes mesmo de eu efetuar meu ato só pude tocá-lo por algum tempo antes de ele fugir. –os olhos do homem eram de uma escuridão sombria e devassa, a cada palavra dita eu sentia vontade de mandá-lo pessoalmente para o inferno.

-Por que Ciel? Por que o meu garoto?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

